

MUDAR O MUNDO COM UM TOQUE: A PERSONAGEM QUE CONSCIENTIZA EM O MENINO DO DEDO VERDE.

Annie Tarsis de Moraes FIGUEIREDO
(UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA)

Mylena de Lima QUEIROZ
(UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA)

“Por mais longe que remontem minhas
lembranças, sempre me vejo cercado de
livros.” (Tzvetan Todorov)

RESUMO. O Livro infanto-juvenil de Maurice Druon tem como personagem principal Tistu, um menino que tem o dom de florescer tudo o que toca, que percebe a infelicidade ao seu redor e inicia uma luta contra a violência em sua cidade. Desta forma, o presente artigo tem como objetivo ser um instrumento de aproximação da concepção de Antonio Cândido sobre personagem e pessoa com os conceitos bakhtiniano de consciência, dialogismo e ideologia que perpassam a leitura deste livro. Assim, embasaremos-nos nestes conceitos visando suas implicações didáticas, sabendo da necessidade da apresentação de temas transversais, como recomendam os documentos oficiais.

1. INTRODUÇÃO.

É importante apresentarmos, inicialmente, que nossa proposta com este artigo não é, de forma alguma, visar a literatura apenas como pretexto para implicações pedagógicas. Pensamos, ademais, de forma contrária: após o deleite para com o texto literário é que devemos fazer ligações externas. Promovemos, pois, inicialmente, que a literatura seja exposta longe dos pretextos.

Todavia, faz-se necessário, como professores, que a escolha dos textos a serem trabalhados seja feita de forma minuciosa. A proposta pedagógica, aliás, inclui-se neste momento de escolha: pensaremos em como as personagens do texto selecionado pode, com suas diversas vozes, provocar reflexões ao alunado.

Antônio Cândido nos faz pensar em como a personagem vem a ser um reflexo das pessoas em si, mas não apenas isto. A pessoa é, também, por muitas vezes, um reflexo de outras pessoas. É este, aliás, um dos motivos pelo qual personagens podem influenciar-nos tão fortemente. Este motivo entrelaçado aos pensamentos/conceitos bakhtiniano como ideologia,

polifonia e ao qual nos ateremos, a consciência, faz com que notemos a carga ideológicas que um texto pode trazer, e mais, que pode proliferar com uma simples leitura.

2. A BELEZA SALVARÁ O TEXTO LITERÁRIO

O linguista, filósofo e crítico literário búlgaro Tzvetan Todorov é um dos pensadores mais notórios do nosso século. Formalista por formação, afirma que a literatura está em perigo, por esta, ultimamente, só existir pelas possíveis análises. Quando o filósofo trata de Marina Tsvetaeva, talvez a maior poetiza russa que já existiu, destaca que ela escolheu por fim à sua existência por ter desenvolvido uma obra complexa e encontrando inspiração na busca apaixonada do belo e o inefável.

Tsvetaeva toma em vida a prova de que a beleza salva: sua obra arredia e minuciosa foi sua própria vida. As ligações pedagógicas, histórico-políticas e ou filosófica não são e nunca serão motivos primeiros para uma leitura de um texto das belas letras, cabendo ao leitor, depois de dá-se o prazer de perceber que a obra fala por sí, tomar a liberdade de trazer a tona suas ligações a outros pontos que não se trate da própria obra como material, mas essência. A literatura faz mais, como afirma Todorov (2009):

“a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.” (TODOROV. P. 20, 2009)

Aliás, pensamos que o motivo por ainda existente desmerecimento à literatura é dado pelo fato de que aprendemos teorias, apenas, e nos distanciamos da própria beletrística, algumas vezes. Se Todorov nega a seu próprio ofício quando diz que a literatura é paixão e não teoria, penso que devemos negar a obrigatoriedade de estabelecer a busca, no momento que caberia apenas deleite, pelo conhecimento prático, poderíamos pensar a literatura como a personificação do idiota deus, aquele tipo contrário a autodestruição, assassinato e humilhação que o integrante do Círculo Petrashevski tinha em mente quando afirmou que a beleza salvaria o mundo. Pensemos que a literatura pode salvá-lo, pois.

3. A PERSONAGEM E A CONSCIÊNCIA

Em relação a personagem, notamos que esta relaciona-se muito mais a nós mesmos do que poderíamos pensar usando o senso comum. Em *A personagem de ficção*, Antônio Cândido e outros mostram-nos este imbricado que é a personagem, que podem ser transpostas ou construídas, mas que, a assimilamos muito bem justamente porque tão bem imaginamos a ficção como sendo realidade. Quanto a essa assimilação, afirma-nos:

“Trata-se de “imagens puramente intencionais” que, no entanto, procuram omitir-se para franquear a visão da própria realidade. Já num retrato artístico a imagem puramente intencional adquire valor próprio, certa densidade que facilmente “ofusca” a pessoa retratada. Aliás, mesmo diante de um fotógrafo desprezioso a pessoa tende a compor-se, tomar uma pose, tornar-se “personagem”; de certa forma passa a ser cópia antecipada da sua própria cópia. Chega a fingir a alegria que deveras sente.”
(CÂNDIDO. 2009. P. 10)

A personagem, então, desempenha um papel muito mais importante que apenas sustentar o enredo, o romance, os elementos da narrativa. Esta será a que provavelmente mais envolverá-se ao leitor, esta imagística que será provocada por palavras, vão, ainda acrescentar verossimilhança às situações que cotidianamente seriam simplesmente irreais, como explica-nos CÂNDIDO (p. 60) *“Se as coisas impossíveis podem ter mais efeito de veracidade que o material bruto da observação ou do testemunho, é porque a personagem é, basicamente, uma composição verbal, uma síntese de palavras, sugerindo certo tipo de realidade.”*

Desta forma, pensamos como a personagem pode fazer com que tomemos consciência de algo. Mas, não apenas como a “Capacidade que o homem tem de conhecer valores e mandamentos morais e aplicá-los nas diferentes situações” como traz o dicionário. Isto, mas muito mais. Tomaremos, pois, o conceito bakhtiniano para nos apoiar-mos. De acordo com este, podemos pensar que, quando estarmos em *interação com*, estamos ficando *conscientes*. Podemos tomar mais consciência, ampliar nossas consciências ou negá-las, porque as interações estão repletas de valores, de intuitos dos falantes, de temas (sentidos) dos inúmeros conteúdos temáticos (assuntos) os quais apresentamos. Bakthin (2002) expressa:

“todo o itinerário que leva da atividade mental (o “conteúdo a exprimir”) à sua objetivação externa (a “enunciação”) situa-se completamente em território social. Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos. Tudo isso lança uma nova luz sobre o problema da consciência e da ideologia. Fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção. Não é senão uma construção ideológica incorreta, criada sem considerar os dados concretos da expressão social. Mas, enquanto expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, etc.), a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa. É preciso notar que essa consciência não se situa acima do ser e não pode determinar a sua constituição, uma vez que ela é, ela mesma, uma parte do ser, uma das suas forças; e é por isso que a consciência tem uma existência real e representa um papel na arena do ser. (2002, p. 117-118; grifos do autor)

Podemos facilmente perceber, então, que para Bakhtin a partir do momento que estamos em interação social, existirão inúmeras ideologias ao nosso redor, e nos proveremos destas. É importante considerar a questão da imersão social, a formação da consciência de acordo com as consciências que nos envolvem. Segundo Bakhtin, ainda, este momento de relação social é o que faz com que a consciência venha a tona. A avaliação ideológica do que nos é apresentado pelas várias esferas, pelos domínios ou campos que estamos inseridos, é a nossa própria forma de avaliar o mundo externo, este que nos cerca. É possível também perceber que os enunciados estarão carregados de apreciações de valor, de ideologias, lógica e leis (p. 35-36); Se estas ideologias que nos envolve interfere positiva ou negativamente dando-nos consciência, podemos notar que estamos em processo contínuo de conscientização, como seres sociais que somos, interagimos.

As personagens, então, provocam em nós essa tomada de consciência. Como vimos, sendo a personagem uma composição verbal, poderíamos dizer ainda que é uma composição de enunciados. Esses enunciados são os que nos provocam sentido, pois Para Bakhtin, “Não pode haver ‘sentido em si’ — ele só existe para outro sentido, isto é, só existe com ele” (BAKHTIN, 2003, p. 386).

4. O MENINO DO DEDO VERDE E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS.

O Menino do Dedo Verde” narra a história de um garoto chamado Tistu, que vive em uma cidade chamada Mirapólvora em sua grande casa, a Casa-que-Brilha, com o Sr. Papai, Dona Mamãe e o seu querido pônei Ginástico. O Senhor Papai tem uma fábrica de canhões, eles tem bastante dinheiro, eis o motivo do nome da cidade, além do nome da casa. O menino Tistu é feliz e bondoso, porém, para grande decepção de todos ele dorme nas aulas. E por não conseguir manter-se acordado durante as aulas monótonas do colégio em que estuda, acaba sendo expulso do mesmo. Como solução para que sua formação intelectual não seja estagnada, seus pais resolvem ensiná-lo de outra maneira, fazendo com que Tistu aprenda com os próprios olhos, ensinando-lhe nos locais apropriados, a conhecer as pedras, o jardim, os campos, como funciona a cidade, as fábricas entre outras coisas, julgando ser a vida a melhor escola que poderia existir.

O menino descobre, quando começa a ver o mundo com seus próprios olhos, que tem um dom: tudo o que toca, floresce. A partir de então, Tistu inicia uma rotina em que o sentido de sua existência floresce ao modificar as coisas ao seu redor. Com isto, ocorre que a fábrica do Senhor Papai é arruinada, pois os canhões não servem mais. Tistu resolve revelar que foi ele quem colocou as flores nos canhões e prova isso fazendo nascer uma flor no quadro de seu avô, na parede. Todos resolve, então, transformar a fábrica de canhões em fábrica de flores. A resumir, o livro de Maurice Druon traz uma perspectiva conscientizadora ao leitor.

As próprias implicações em relação a consciência já é um motivo para que tal leitura seja proposta aos alunos. Para além disto, sabemos que os documentos oficiais preconizam a comunicação e interação por meio de gêneros, e sobre estes. É interessante observarmos que O menino do dedo verde provoca discussões tantas sobre tantos assuntos, poderíamos, além do fato de que a personagem conscientizadora de Maurice Druon já provoca, a partir da verossimilhança, vários auto questionamentos, pensar na interação e na ação social: o envolvimento na sociedade de forma positiva, visando melhorias sociais e reconhecendo-nos como agentes supra-humanos.

De acordo com a interação bakhtiniana, faz-se necessário:

- saber quem se é e quem é/são o(s) outro(s),
- saber falar e ouvir/entender o outro,

- saber dizer o que se pensa,

Estas respostas serão reconhecidas em suas formulações enunciativas e discursivas. Os pontos de vista de cada aluno, inferindo em suas posições (culturais, ideológicas, econômicas...) ainda que muito novos, ao término da leitura deste livro, poderão ser refratadas pelo menino Tistu.

Pensemos, pois, para além das interpretações textuais metódicas.

“Assim, pela palavra externalizada, praticada, os gêneros são apresentados a nós por/em outros enunciados (p. 293) em inserção social, adquirimos, ainda, outros tantos novos gêneros temas, estilos, tons, valores... Souza (2002, p. 142) cita uma passagem de Bakhtin, em que o pesquisador russo diz que na voz materializada, na “consciência dos outros expressa em palavras”, o pensamento torna-se idéia. Zoppi-Fontana (2005, p. 111) explica que essa dialogia é formada por “vozes sociais que manifestam as consciências valorativas que reagem a, isto é, que compreendem ativamente os enunciados” (TÁPIAS,

Faz-se necessário, em sala de aula, aproveitar o espaço para propor debates sobre o tema. Levar, talvez, outros gêneros textuais que tematizem esta questão concientizadora. Pensando em um objetivo para trabalhar-se ainda que antes de apresentar os textos, sutilmente propor que argumentem quanto nossas posições como cidadãos, direitos, deveres, em possíveis melhorias, e, obviamente, em específico sobre o livro O menino do dedo verde.

5. A PROPÓSITO DA CONCLUSÃO

Feito este breve percurso pelas definições de personagem, pela noção de consciência, pela importância e necessidade de pensarmos, como professores, em de que forma trabalharemos tal texto para que não se torne enfadonho, nos foi possível acentuar nossas percepções quanto a importância da leitura em sala de aula, do enaltecimento, porém aproximação, da literatura ao espaço educacional, que pretende, aliás, promover que a literatura vá além destes ambientes institucionais, além da obrigatoriedade.

O menino do dedo verde propicia-nos reflexões: o que fazemos para melhorar o mundo em que vivemos? De que forma utilizamos nossas predisposições? O texto literário

costuma provocar-nos o tempo todo estes efeitos de sentido. Estas tomadas de consciências (seja aceitando a que nos é apresentada, seja julgando, seja negando) é o que nos torna seres racionais, estes que podem então escolher quais ações realização. Como personagens, toma como referência ações de outros, nos situamos na sociedade, esta sociedade qual interagimos, qual apresentam diversos enunciados com as mais diversas vozes e ideologias. Aceitamo-nas, negamo-nas, mas antes disto, também somos seres ideológicos, também exalamos ideologias, logo, consciência.

Propomo-nos, pois, a realizar este breve preito de veneração a literatura em sala de aula. Esta que poderá propiciar diversos modos de pensar, dialogismos e polifonias tantas. É provável que o texto literário não venha a salvar o mundo. Mas, como fez o menino do dedo verde com o mundo ao seu redor apenas com um toque, uma breve leitura pode expandir nossas consciências.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. São Paulo: Anna Blumme e Hucitec, 2002.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. *A personagem do romance*. IN: CÂNDIDO, Antônio et all. *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009. (p. 10-51)

DRUON, Maurice. *O menino do dedo verde*. Tradução de D. Marcos Barbosa / Ilustrações de Marie Louise Nery – 87 a. Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

TÁPIAS-OLIVEIRA, Eveline Mattos. *Alguns conceitos bakhtinianos e a mudança (esperada) na postura do professor*. Anais do 6º Seminário de Pesquisas em Linguística Aplicada (SePLA), Taubaté, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *A beleza salvará o mundo*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

TODOROV, Tzvetan, *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira - ed. 2a ed. - Rio de Janeiro: Difel. 2009.